

## **Figurações do mestiço indígena latino-americano em *Marabá*, de Gonçalves Dias e *Tabaré*, de Juan Zorrilla de San Martín.**

**Prof. Dra. Vera Kauss - Unigranrio**

### Resume

Los dos textos que conforman el *corpus* literario de ese trabajo nos presentan la situación vivenciada por el segmento metizo de las sociedades latinoamericanas que se constituyen desde 1492, con la llegada de los europeos conquistadores, o sea, la no aceptación que sufren los individuos que han nacido de la mezcla de las culturas aquí encontradas. En las obras, que fueran escritas en el momento del Romanticismo, los mestizos viven en comunidades indígenas y no en la ciudad, pero, como los demás, sufren discriminaciones y son excluidos de la convivencia social. El no pertenecer a ninguno segmento va a traer muchos conflictos que no tienen solución y que van a llevar el mestizo a vivir excluido del grupo, sufriendo y sintiéndose como se fuera inferior a los demás.

Palabras-llave: mestizagen étnica y cultural – exclusión - Romanticismo

---

O que hoje conhecemos como América Latina nasceu do contato entre culturas antagônicas que, desde 1492, com a chegada do europeu, passaram a conviver em um mesmo espaço não de maneira harmônica, mas em constante conflito. Desde o início, a marca da mestiçagem cultural e étnica se faz presente em todos os setores das sociedades que aqui se formam sob a égide do Barroco da Contra-Reforma católica: na arquitetura, por exemplo, em cidades como Cusco, no Peru, as bases incaicas das construções não são destruídas e, sobre elas, os espanhóis constroem seus templos, suas casas, suas praças, enfim, na reconstrução da cidade destruída e dominada, fica visível a convivência, não sem conflito, das duas cosmogonias que vão ser a base da sociedade que ali prosperará a partir do momento da Colonização. Na figura do Inca Garcilaso de la Vega, encontramos a mestiçagem com que sonhavam muitos latino-americanos: filho de um grande general espanhol e uma princesa incaica, ou seja, mestiço, mas de sangue

nobre. Esse será um sonho perseguido e comprado por muitos mestiços latino-americanos no decorrer da construção da História do continente dominado. Desde o início da formação do que hoje conhecemos como América Latina, tudo e todos que não estivessem vinculados à etnia do europeu colonizador eram envolvidos em uma situação pejorativa, de menos valia. Tudo e todos que estivessem ligados aos povos indígenas, num primeiro momento, e aos povos africanos, para cá trazidos como escravos logo depois, eram considerados inferiores em relação aos segmentos hegemônicos – “brancos” - das sociedades que aqui se formaram.

Com o Neoclassicismo, aportaram em nossas terras os ideais da Revolução Francesa incentivando a luta pela liberdade em relação às metrópoles primeiras: Portugal e Espanha. Conseguindo, efetivamente, se afastar das metrópoles colonizadoras, os países latino-americanos se voltaram para a França e a Inglaterra, que se tornaram os novos centros difusores de cultura. Mais tarde, os Estados Unidos da América é que se tornarão a metrópole a ser tomada como exemplo. Nesse momento, Andrés Bello, grande pensador venezuelano, exalta a grandeza americana, incentiva os jovens a se ligarem ao trabalho da terra e a não se deixarem levar pelas ilusões e fantasias das cidades grandes. É ainda na obra de Bello que, pela primeira vez, o indígena aparece como um ancestral de quem devemos nos orgulhar, o que não era comum, pois os povos autóctones não foram tratados com nenhum respeito pelos europeus.

No período seguinte – no Romantismo - com maior intensidade, o indígena será lembrado, mas não o que ainda vivia e lutando para sobreviver em uma sociedade que não o considerava como um ser atuante, capaz de ser algo mais do que o segmento criado pelos conquistadores para ser explorado, mas aquele visto como o herói que lutou contra os invasores europeus para defender suas terras e seus povos.

No Romantismo latino-americano, as elites burguesas das sociedades de então estão às voltas com a necessidade de se criar, efetivamente, a noção de pátria para consolidar os movimentos de independência e, com eles, seu lugar no poder. No Brasil, esse projeto tinha a intenção de unificar o país, de mostrar um Brasil ufanista e coeso, aberto ao progresso, cosmopolita e nacionalista. À literatura, coube um papel importante nesse jogo de representação de valores e ela colocou-se ao lado dos

segmentos detentores do poder na luta pela legitimação da República que representava alcançar o sonho de um Brasil moderno e independente.

A mestiçagem étnica e cultural marcava profundamente a sociedade que emergira dos processos de Conquista e Colonização, principalmente esse último. Os povos indígenas haviam sido transformados em uma massa homogênea chamada de “índios” – sem qualquer respeito por suas diferenças – e colocados como base da pirâmide social, ou seja, classe criada exclusivamente com o propósito de ser explorada. Apesar da segregação, muitas vezes como um ato de violência, quase nunca de amor, a população mestiça crescia e muitos de seus filhos pertenciam à classe dominante. Mesmo não sendo bem acolhidos, muitos se destacaram e conseguiram se impor pela inteligência, pela astúcia, pela capacidade de conquistar e, muitas vezes, de enganar. Olhando o desenvolvimento dessa classe ao longo de nossa História, observamos que, de uma maneira geral, o mestiço não era totalmente aceito por nenhum dos lados a que pertencia. Sempre está a meio caminho de qualquer um, se, por exemplo, é filho de um representante da raça dominante, chamada branca, com uma indígena, terá problemas de aceitação em ambos os lados. Na tribo, será sempre aquele que não é totalmente indígena e, na cidade, da mesma forma, não fará parte integralmente da sociedade dominante. Algumas vezes, lemos e ouvimos a observação de que os piores feitores, aqueles que foram mais cruéis, eram mestiços: será que não agiam assim exatamente pelo não pertencimento que vivenciavam todo o tempo? A não aceitação, o não acolhimento integral os levavam a serem fieis apenas a si mesmos, a não terem um vínculo profundo com nenhuma das classes da sociedade em que viviam.

Na história da literatura de nossa América, encontramos representações literárias do mestiço latino-americano de acordo com as orientações estéticas da época. Assim, por exemplo, no movimento romântico, lemos em *Iracema*, de José de Alencar, a história do nascimento daquele que seria a representação do brasileiro: Moacir, fruto do amor da índia tabajara, Iracema, pelo colonizador português, Martim. Nesse texto, a mestiçagem teria acontecido a partir de uma relação de amor entre uma índia e um europeu, o que não corresponde ao que a História registrou desse “encontro” de culturas. São muitos os textos que nos mostram uma relação de violência em que o estupro das indígenas era a origem comum destes filhos bastardos que, de uma maneira

geral, sofriam a rejeição de ambos os lados, acabando sem se sentir incluídos nem entre os povos autóctones nem entre os europeus: eram discriminados e mal vistos pelos dois lados.

Em Iracema, podemos ainda perceber como era o pensamento vigente na época em que foi escrito o texto: a morte da heroína ao final da trama como sendo a única maneira da América Latina – e, particularmente, do Brasil - sair do que se convencionou chamar de barbárie e tornar-se civilizada. Esse era o pensamento vigente não apenas nos europeus, mas nos próprios brasileiros: o indígena, como representante de sua cultura, precisa morrer para que a civilização trazida pelo europeu pudesse suplantá-la e criar raízes no continente americano. Esse fato fica também evidenciado quando, após a morte de Iracema, Martim leva Moacir para ser criado fora de sua Pátria: o primeiro brasileiro receberia uma educação européia totalmente distanciada dos costumes indígenas, ou seja, do que se considerava incivilizado.

Não era isso o que acontecia com um grande número de mestiços que nascia de relações violentas de estupro e que não recebia o reconhecimento do pai europeu. Um exemplo clássico pode ser observado em um especial de televisão: *A Muralha*, baseado no romance de Dinah Silveira de Queirós. A personagem chamada Aimbé, filho de um bandeirante português e uma índia, vivencia todo o tempo a rejeição dos dois lados: na tribo, por não ser totalmente indígena, é rechaçado em alguns momentos, não sendo aceito em determinados rituais por não ser integralmente indígena. O mesmo acontece na casa grande, junto à família de seu pai: lá, ele não pode sentar-se à mesa junto aos seus parentes paternos, também não pode usar botas ou se vestir como eles, os europeus ou descendentes diretos dos portugueses que vieram para o Brasil em busca de glória e ouro. Todo o tempo Aimbé é discriminado, mas, na hora da luta, querem que ele se posicione fielmente ao lado dos portugueses, o que também lhe é cobrado pelos indígenas: qualquer que seja sua decisão, ele será sempre traidor. É um dilema que talvez dê uma possível explicação para o fato dos mestiços terem sido, na maioria das vezes, mais cruéis do que os europeus em relação àqueles que eram seus parentes: sendo enxotado pelos dois lados, ele optou por ficar do seu próprio lado, sem dever lealdade a nada nem a ninguém a não ser a si próprio.

Ainda no período romântico, Gonçalves Dias escreveu um texto contando a história de Marabá, uma mestiça criada na tribo. Em todo o poema, essa mulher mestiça sente-se totalmente discriminada pela sua aparência física, que não é aceita pelos demais. Segundo o autor, esse texto foi inspirado na leitura que havia feito de um trecho de uma Crônica da Companhia em que se contava haver uma velha indígena “enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamam marabá, que quer dizer mistura” (DIAS, 1958, p. 55). Desse trecho, podemos inferir o quanto eram indesejados, e não apenas nos segmentos dominantes da sociedade, os que nasciam da união de pessoas pertencentes às diferentes etnias que aqui se encontraram. Nesse poema de Gonçalves Dias, acompanhamos o lamento dessa mestiça por causa de sua solidão, de sua marginalização na sociedade em que vivia. A primeira barreira estava em seus traços físicos:

Meus loiros cabelos em ondas anelam,  
 O oiro mais puro não tem seu fulgor;  
 As brisas nos bosques de os ver se enamoram,  
 De os ver tão formosos como um beija-flor!  
 Mas eles respondem: \_\_ “Teus longos cabelos,  
 São loiros, são belos,  
 Mas são anelados; tu é Marabá:  
 Quero antes cabelos bem lisos, corridos,  
 Cabelos compridos,  
 Não cor d’oiro fino, nem cor d’anajá.  
 (DIAS, 1958, p. 56-57)

Por ser branca, não correspondia ao ideal de beleza e, por isso, era sempre repelida por aqueles que poderiam amá-la. Sua dor e desesperança estão impressas na primeira e na última estrofes, pois ela sabe que não tem como mudar os costumes desse povo que, apesar de ser o seu, não a aceita, apenas tolera sua presença. Em um momento de revolta, ela questiona:

Eu vivo sozinha; ninguém me procura!  
 Acaso feita  
 Não sou de Tupã?  
 Se algum dentre os homens de mim não se esconde:  
 \_\_ “Tu és”, me responde,  
 “Tu és marabá!”  
 (DIAS, 1958, p.55)

Ao final do poema, Marabá constata a impossibilidade de amar e ser amada, pois nem ao menos é aceita. Ela volta ao monólogo porque não há possibilidade de diálogo em sua vida:

E as doces palavras que eu tinha cá dentro  
A quem nas direi?  
O ramo d'acácia na frente de um homem  
Jamais cingirei:  
Jamais um guerreiro da minha arazóia  
Me desprenderá:  
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,  
Que sou Marabá!  
(DIAS, 1958, p. 57)

O fato que inspirou Gonçalves Dias – o trecho que leu em uma Crônica da Companhia relatando um costume do povo indígena em questão, que consistia em enterrar viva uma criança que havia nascido da mistura (marabá) de etnias – não é desconhecido: em muitos relatos, testemunhos ou outro tipo de textos que datem do período da Colonização (e até mesmo mais tarde) encontramos essa atitude muitas vezes praticada pela própria mãe indígena.

São vários os romances em que esse fato é relatado, por exemplo, em *El mundo és ancho y ajeno*, de Ciro Alegria, (ALEGRIA, 1955) as jovens indígenas de um povoado da *sierra* peruana eram obrigadas a se relacionarem com os latifundiários ou capatazes da fazenda em que viviam como escravas, ou seus filhos, antes de se casarem. Nesta noite de violência, muitas vezes, as meninas ficavam grávidas. A única saída que viam para continuar suas vidas dentro da comunidade a que pertenciam era tentar abortar e, por isso, muitas morriam em consequência de infecções. Aquelas que não conseguiam abortar, matavam os filhos ao nascer para poderem seguir suas vidas, se casarem e gerar os filhos do amor.

O fato que inspirou o grande poeta do Romantismo brasileiro é historicamente comprovado e nos mostra que essa sociedade mestiça em que vivemos e de que fazemos parte não nasceu sempre de atos de amor, mas sim da violência do estupro e de suas consequências. O mestiço que somos hoje – étnico ou cultural, tanto faz – foi forjado numa base de abandono, solidão, tristeza, morte, mas, apesar de tudo, vencendo os

obstáculos, sobreviveu e, hoje, busca o reconhecimento da diferença como um fator positivo na formação do Brasil, da América Latina.

Um outro romance, também do período romântico, que retrata a angústia vivenciada por um homem latino-americano nascido da mistura de duas etnias totalmente díspares é *Tabaré*, de Juan Zorrilla de San Martín. Este escritor situa-se em um momento de transição entre o Romantismo e o movimento posterior, mas, no período em que escreve, ainda perdurava com toda força o Romantismo tradicional e ortodoxo de Victor Hugo e Lord Byron, entre outros, no Uruguai. Também nesse texto, observamos como os segmentos dominantes das sociedades latino-americanas se sentiam no direito de massacrar, provocar o extermínio de um povo por ele se mostrar indomável, ou seja, impossível de ser dominado, catequizado, escravizado. O autor assim se expressa ao falar dos bravos indígenas mortos em batalhas sangrentas que objetivavam o extermínio do povo charrua:

¡Héroes sin rendición y sin historia,  
 sin tumbas y sin lágrimas!  
 ¡Estirpe lentamente sumergida  
 En la infinita soledad arcana!  
 ¡Lumbre expirante que apagó la aurora!  
 ¡Sombra desnuda, muerta entre las zarzas!  
 Ni las manchas siquiera  
 De vuestra sangre nuestra tierra guarda.

(ZORRILLA DE SAN MARTÍN, 1982, p. 82)

Nesse texto de Juan Zorrilla de San Martín, observamos uma diferença marcante entre o índio Tabaré e os outros representantes dos charruas, conhecidos como povo guerreiro, bravo, indomável, que vivia como um agrupamento de feras em meio a rituais terríveis, ou seja, eram a própria figuração da barbárie. Não aceitaram a presença dos espanhóis em suas terras, não se curvaram à autoridade nem do Rei, nem da Igreja: não se deixaram catequizar. E, por isso, precisavam desaparecer.

O modelo deste indígena, que também é personagem do texto de Juan Zorrilla, é Yamandú. Ele se torna cacique quando morre Caracé, pai de Tabaré, que havia raptado sua mãe, uma jovem espanhola que acabara de chegar ao Novo Mundo com um grupo que vinha com a missão de colonizar as novas terras. Ele leva a mulher branca de olhos azuis, Magdalena, para morar em sua oca e deste relacionamento nasce Tabaré: fisicamente semelhante ao pai, mas com os olhos azuis da mãe.

Voltando a Yamandú, para se tornar cacique, ele tinha que provar sua coragem e competência, sinônimos de selvageria no caso. Nenhum outro charrua se atreve a desafiá-lo e ele se torna o cacique que levará seu povo a muitas vitórias nas guerras, principalmente contra os homens brancos que viviam em suas terras.

Entre os índios com quem convive, que são como Yamandú, Tabaré se destaca completamente. Apesar de fisicamente ser semelhante aos outros charruas, ele não possui a ferocidade destes. Além do mais, herdou os olhos azuis de sua mãe, o que o torna fisicamente diferente em relação aos demais:

Los charrúas, que acuden a mirarlo,  
clavam sus ojos negros  
en los ojos azules de aquel niño  
que se recuesta en el materno seno,  
y lo oyen y lo miran asombrados,  
como a un pájaro nuevo  
que, llamado, al pasar, por los zorzales,  
bajó del viento, para unirse a ellos.  
(ZORRILLA DE SAN MARTÍN, 1982, p. 64)

Apesar de criado na tribo, Tabaré recebe de sua mãe uma educação pontuada pelas crenças e costumes de seu povo, do espanhol conquistador de cujo seio fora tirada à força. O autor descreve de forma enfática o batismo que a mãe dá ao filho: descreve-a como sendo a “mulher do Evangelho” e é como se toda a natureza cantasse louvores por seu gesto. No momento do batismo, quando as águas do rio Uruguai lhe caem sobre a cabeça, o menino parece tomado de comoção como se sentisse em todo o seu ser a importância e grandiosidade daquele momento. Em comparação com os outros indígenas, Tabaré é apresentado pelo escritor como um verdadeiro herói romântico: uma alma sensível, sentimental em um corpo rude e selvagem e que apresenta a capacidade de provocar amor ou mesmo piedade em uma mulher branca, pura e virginal como Branca, que se configura como uma heroína romântica. Finalmente, o desfecho trágico que mostra ao leitor o sacrifício de Tabaré, a morte que não merecia por sua fidelidade incondicional a uma mulher branca que, em alguns momentos, parece-nos recordar-lhe sua mãe de quem demonstra ter herdado a sensibilidade que o distingue de todos os outros *charruas*.

Esse texto, como disse o próprio autor, tinha a intenção de ser um hino a um povo que, por decisão do colonizador europeu, precisava ser dizimado. Era a lógica do vencedor: aquele que não se sujeitasse à sua vontade ou servisse de alguma forma aos seus planos de conquista, de exploração deveria ser destruído, exterminado. Com os charruas aconteceu exatamente isso: eles não aceitaram o jugo do vencedor, aliás, nunca se consideraram vencidos, por isso lutaram com toda sua característica ferocidade para se manterem livres.

O texto de Juan Zorrilla de San Martín, apesar de estar inserido no Romantismo, foi escrito em um momento marcado pela transição, que acontecerá sem muita luta, para um momento estético posterior. Mesmo vivenciando a transição e assenhorando-se de expressões estéticas revolucionárias, o escritor mantém ligado a valores intrinsecamente românticos e que continuavam sendo sua matriz. O Indianismo que transparece em *Tabaré* possui características muito especiais quando observamos o elemento indígena que aparece no texto: há um contraste evidente entre os charruas, representando o povo como um todo e a personagem principal como elemento deste povo. Ao observarmos esses dois elementos na estrutura textual, percebemos que Juan Zorrilla colocou frente a um povo considerado indomável, feroz, bárbaro em seus rituais – assim descritos no romance – um indígena individualizado e muito diferente de todos tanto física quanto emocionalmente. Na realidade, como a personagem Marabá, de Gonçalves Dias, Tabaré é um mestiço, filho nascido da mistura das duas etnias: espanhola e charrua.

Como todo mestiço, Tabaré precisava fazer que convivessem duas culturas totalmente díspares e profundamente opostas em si mesmo. A tristeza, a sensação de não pertencimento, de exclusão – como em *Marabá* – marcam a personalidade dessa personagem e a faz vagar como um ser doente, louco, inadaptado, sem lugar ou aceitação e entendimento de si. Mesmo que Tabaré tivesse sido criado entre o povo a que pertencia sua mãe, Magdalena, provavelmente teria sofrido a mesma rejeição que vivenciou no meio do povo indígena, a que também pertencia por parte de pai. Os mestiços, aqueles que nascem da mistura das duas culturas – a dos vencedores e a dos vencidos – estão destinados a conviver com cosmogonias opostas em si e que precisam ser, de alguma forma, levadas a conviverem em um mesmo espaço. Essa convivência não é possível sem conflito, ela se faz em constante tensão, o que leva o mestiço a se

tornar um indivíduo estranho, diferente, muitas vezes dividido entre valores e sofrendo o constrangimento do não se sentir realmente pertencendo ou aceito por seus pares na sociedade. Tanto Marabá quanto Tabaré se mostram profundamente infelizes e sem qualquer condição de mudar a situação que vivenciam.

No romance do escritor uruguaio, Tabaré, como a personagem Peri do romance *O Guarani*, de José de Alencar, também possui características que nos levam a vê-lo como um herói romântico: em primeiro lugar, o contraste entre sua aparência física – rude e selvagem, apesar dos olhos azuis – e a sensibilidade que o faz enamorar-se de Branca, a doce e meiga heroína espanhola, em quem desperta sentimentos de compaixão, de carinho apesar de sua condição de bárbaro. Depois, a capacidade de lutar contra tudo e todos para salvar seu amor sem nada esperar receber em troca, nem mesmo ser amado também. No final do romance, após toda a luta para salvar Branca, que havia sido raptada exatamente pelo mais bárbaro de todos: o cacique dos charruas, Yamandu, que queria torná-la sua mulher exatamente como acontecera com Magdalena, mãe de Tabaré, e levá-la de volta a seu povo, é sacrificado num ato de total injustiça pelo irmão da heroína, um nobre espanhol, e morre. Sua morte, segundo Zorrilla de San Martín, simbolizaria o extermínio de todo o seu povo que pagaria, assim, alto preço por não se deixar dominar, catequizar e escravizar pelo europeu conquistador que se sentia dono e senhor absoluto do Novo Mundo, podendo, por isso, exterminar todo aquele que não se dobrasse diante de sua autoridade máxima, que lhe fora outorgada pelo Rei e pela Igreja, não podendo ser contestada.

O Romantismo, na América Hispânica e no Brasil, foi o movimento que propiciou a emancipação do discurso literário que, por sua vez, dará suporte à emancipação política. Será o momento de surgimento de uma primeira forma de consciência de americanidade por parte das sociedades que se formaram no Continente americano desde o primeiro instante da Conquista que se concretizou na Colonização. O discurso da emancipação será construído a partir da reflexão europeia de alguns pensadores, que debateram entre si o que entendiam como Novo Mundo, entre eles, podemos contar com os jesuítas que, expulsos das terras americanas, se sentiam agredidos e espoliados como religiosos e mestiços, como já o era uma grande parte do povo americano. Os textos deixam de apenas descrever e enaltecer a paisagem para dar

lugar a um discurso de militância que culminará com o processo de independência dos países latino-americanos. Os escritores daquele momento vão se utilizar de tudo – doutrinas européias e escolas literárias, por exemplo – que tenham à mão para buscar as peculiaridades regionais e, com elas, construir uma consciência nacional, uma nacionalidade que trouxesse aos povos latino-americanos o suporte necessário para que pudessem se ver e constituir como nações livres.

As Repúblicas latino-americanas tiveram lugar no momento em que acontece o deslocamento do modelo cultural metropolitano, que passa a ter como parâmetro a França em detrimento de Portugal e Espanha. Porém, segundo Ana Pizarro:

Este desplazamiento significó una forma de emancipación, una búsqueda de modelos válidos, que la evolución de las estructuras de la cultura y de las sociedades del continente no permitían aún asentar en él mismo, tarea que sólo se llevará a cabo en el siglo XX. (PIZARRO, 1994: 29)

Apesar da vigência do eurocentrismo, em que as soluções para o Novo Mundo estavam todas na Europa, as nações latino-americanas, com o Romantismo, buscam construir uma nacionalidade própria e o fazem via literatura. Como disse Ana Pizarro, na citação acima, ainda não havia condições de se basear essa emancipação em nós mesmos, nas estruturas sociais e culturais até então desenvolvidas; isso, só será possível no século XX, com o movimento Modernista.

Em todo esse processo, que começa na Conquista e na Colonização e se estende até nossos dias, uma característica que marca de maneira indelével a América Latina e de forma peculiar o Brasil é a interculturalidade: nossa origem acontece numa mestiçagem étnica e cultural que, apesar do sentido pejorativo recebido desde o início de nossa formação, tem, hoje, o reconhecimento de sua riqueza.

Somos uma sociedade de Marabás e Tabarés que, ainda hoje, continuam lutando contra os preconceitos criados por um segmento hegemônico – que quase sempre também era mestiço – que só reconhecia uma cultura – aquela que se colocou como sendo a “melhor” – como sua formadora, relegando toda a contribuição de outras –

como a indígena e a negra – à marginalização. A construção de nossa identidade se faz a partir de variadas vozes, todas muito ricas: só poderemos realmente nos reconhecermos quando todas forem igualmente ouvidas e valorizadas.

Bibliografia:

- 1 – ALENCAR, José de. **Iracema. Lenda do Ceará**. Biog. introd.e notas M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, ano ignorado.
- 2 – ALEGRIA, Ciro. **El mundo es ancho y ajeno**. Santiago de Chile, Ediciones Ercilla, 1955.
- 3 - COUTINHO, Afrânio, direção; COUTINHO, Eduardo de F. Co-direção. **A Literatura no Brasil**. 4ª ed. ver. e atual. São Paulo, Global, 1997.
- 4 – DIAS, Antonio Gonçalves. **Poesia**. Por Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Agor Ed. 1958. Coleção Nossos Clássicos.
- 5 – QUEIROS, Dinah Silveira de. **A Muralha**. In: SARACENI, Denise, direção geral. **Rede Globo de Televisão – Minissérie**. Rio de Janeiro, de 04/01 à 28/03 de 2000, 49 capítulos.
- 6 -PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In.: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (org.) **História e literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- 7 – PIZARRO, Ana. La emancipación del discurso. In: PIZARRO, Ana, org. **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. Vol. 2. São Paulo, Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, pp.21-32.
- 8 - RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. México: Siglo XXI, 1982.
- 9 - \_\_\_\_\_. **A cidade das Letras**. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- 10 – SAN MARTÍN, Juan Zorrilla de. **Tabaré**. Estudio, notas y vocab. Arturo B. Carisomo. Buenos Aires, Editorial Abril, 1982.